

# Considerações sobre a Guerra<sup>1</sup>

Luiz Felipe da Silva Neves \*

Matéria extraída da aula inaugural do Curso *História da Guerra Fria*, proferida pelo autor no VII Encontro de História, sobre o tema *Violência*. (Outubro de 1996.)

Umberto Gori sintetiza o significado da análise científica da guerra: *a guerra sempre foi objeto de reflexão da parte do homem, mas somente há pouco tempo os cientistas sociais estudam sistematicamente o fenômeno (Maquiavel foi talvez o primeiro autor moderno a lidar com o tema), na tentativa dele tirar sua mística de força inelutável (...) e fazê-lo voltar ao âmbito dos fenômenos conhecidos e, portanto, controláveis e previsíveis.*<sup>2</sup>

Outro intelectual italiano, Clemente Ancona, autor do artigo *Guerra*, da Enciclopédia Einaudi, aponta que os dois textos básicos

existentes sobre o tema são o famoso – controvertido, mitificado e bastante chato – *Vom Kriege* (publicado primeiramente em 1832-34) de Clausewitz, e o *Theory of Games and Economic Behavior* (1947), de John von Neumann e Oskar Morgenstern.<sup>3</sup>

Um conhecido estudioso norte-americano do tema, Quincy Wright, diz que: *no sentido mais amplo, a guerra é um contato violento de entidades distintas, mas semelhantes. Nessa concepção, uma colisão de estrelas, uma luta entre um leão e um tigre, o entrelaço de duas tribos primitivas e as hostilidades*

*entre duas nações modernas – seriam todas uma forma de guerra. Essa definição abrangente foi elaborada para finalidades profissionais por juristas, diplomatas e militares e para efeito de discussão científica...*<sup>4</sup>

É o mesmo Wright o responsável pelo verbete *guerra* no *Dicionário de Ciências Sociais* da FGV (RJ, Fundação Getúlio Vargas, 1986, 2v), em que, dentre muito, lemos que a guerra se refere (...) às *hostilidades internacionais que não envolvam o emprego da força armada, como, por exemplo, guerra econômica, guerra psicológica, guerra ideológica e guerra fria.*

\* Professor do Departamento de História da UFF.

<sup>1</sup> Selecionado pelo PADECEME.

<sup>2</sup> in *Dicionário de Política* (org. Norberto Bobbio et. al.), Brasília, UNB, 1992 (or. it. 1983), p. 571 (v1).

<sup>3</sup> E. Einaudi, v.14, *Estado - Guerra*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989, p.348.

<sup>4</sup> Wright, Q. *A Guerra*, RJ, Bibliex, 1988, p. 3 (original publicado em 1942, 2v.).

Mas... - continua o autor -, o termo refere-se, em seu sentido mais concreto, a hostilidades de extensão considerável, conduzidas por forças armadas governamentais durante um período definido de tempo, como a Guerra da Criméia, a Guerra Sino-japonesa. Nesse sentido, a guerra é uma série mais ou menos contínua de batalhas e campanhas entre os beligerantes, embora, em alguns casos, os prolongados intervalos de armistício, as suspensões das atividades hostis - como na Guerra dos Cem Anos e na Guerra dos Trinta Anos - e as mudanças dos beligerantes ativos e o desenvolvimento das hostilidades em palcos separados - como na I e II Guerras Mundiais - tornem difícil decidir se o conflito deve ser considerado como uma ou muitas guerras.<sup>5</sup>

Hobsbawm, pensando sobre o período de 1914 a 1945, oportunamente escreve: *A humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas*

*colunas ruíram. Não há como compreender o breve século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam. Sua história e, mais especificamente, a história de sua era inicial de colapso e catástrofe devem começar com a da guerra mundial de 31 anos.*<sup>6</sup>

Vamos continuar nossa reflexão por meio da pena de Eric Hobsbawm: *A Segunda Guerra Mundial mal terminara quando a humanidade mergulhou no que se pode encarar, razoavelmente, como uma Terceira Guerra Mundial, embora uma guerra muito peculiar, pois, como observou o grande filósofo Thomas Hobbes, a guerra consiste não só na batalha, ou no ato de lutar: mas num período de tempo em que a vontade de disputar pela batalha é suficientemente conhecida. A Guerra Fria entre EUA e URSS, que dominou o cenário internacional na segunda metade do breve século XX, foi sem dúvida um desses períodos.*

*Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade.*<sup>7</sup>

Recuaremos bastante no tempo agora, a fim de atingirmos uma visão panorâmica de como a guerra vem sendo tratada ao longo dos milênios.

*Das primitivas civilizações pouco sabemos devido à escassez das fontes.* Hoje em dia essa desculpa é falaciosa; o que acontece é que, nós, brasileiros, dispomos de quase nada, mesmo em língua estrangeira. Na verdade, o tema praticamente não é tratado pelos intelectuais do nosso circuito.

O polemologista<sup>8</sup> Gaston Bouthoul mostra coisas interessantes do Velho Testamento acerca do assunto, no item *Doutrinas teológicas da guerra:*

*É digno de nota - escreve o pensador francês - verificar que, quando nasceu o monoteísmo, entre todos os atributos possíveis (...), conferiram-se, de preferência ao Deus único, atributos*

<sup>5</sup> *Op. cit.*, p. 533-34.

<sup>6</sup> Hobsbawm, E. *Era dos Extremos*, SP, Companhia das Letras, 1995, p. 30.

<sup>7</sup> *Idem*, p. 2241

<sup>8</sup> Polemologia (do grego *polemos*, guerra + *logos*, estudo); estudo da guerra enquanto fenômeno sociológico. O termo foi criado por Bouthoul em 1946 (*Cent Millions de Morts*).

*guerreiros: foi o deus dos Exércitos*"<sup>9</sup>

Em Isaías, 66, lemos: *Não é pelo fogo que o Eterno faz seus julgamentos, é por seu gládio que ele castiga toda carne. E serão em grande número aqueles que o Eterno matará... e quando sairdes vereis os cadáveres dos homens que se rebelaram contra mim*.<sup>10</sup>

E ainda: *Eis a tempestade do Eterno, o furor explode, a borrasca se precipita, funde-se sobre a cabeça dos maus. A cólera ardente do Eterno não será aplacada até que tenha cumprido os desígnios de seu coração* (Jeremias, 30).<sup>11</sup>

Outro bom exemplo de escrituras sagradas belicosas encontra-se no Alcorão, no qual a propagação do islamismo por meio das armas é um dever religioso. *A guerra é um ideal, uma ordem de Deus: fazei a guerra àqueles que não acreditam em Deus nem no dia derradeiro, que não consideram proibido o que Deus e seu apóstolo proibiram: e aque-*

*les homens das Escrituras que não professam a verdadeira religião. Fazei a guerra a eles até que paguem o tributo com suas próprias mãos e sejam submetidos*.<sup>12</sup>

O famoso paraíso de Maomé é reservado unicamente aos guerreiros mortos em combate.<sup>13</sup> É fácil acharmos exemplos parecidos, dos vikings aos astecas, sendo que sobre este último povo - e sua relação com a guerra - talvez se deva contar alguns dados interessantes ... Afinal, a forma básica de ascensão social entre os astecas era por intermédio do sucesso na guerra, sucesso esse expresso na captura de inimigos.

De volta ao tema, prossegue Bouthoul: *O cristianismo primitivo teve para com a guerra uma atitude vigorosamente original; amaldiçoou-a e rejeitou-a em bloco. Quem com ferro fere com ferro será ferido. Orígenes, Tertuliano, Santo Ambrósio rejeitam categoricamente o emprego da violência para qualquer fim. O*

*dogma da não-violência retomado por Tolstói e Gandhi, é essencialmente uma invenção cristã*.<sup>14</sup>

Contudo, a realidade secular se impõe. Santo Agostinho - bem consciente das contradições entre o Velho e o Novo Testamento - desenvolve uma teodicéia,<sup>15</sup> que justifica a guerra na medida em que pode ser a expressão da vontade divina: *Se Deus, por prescrição especial, ordena matar, o homicídio torna-se virtude*.

Mas as Cruzadas, principalmente, é que irão pôr à prova a habilidade dialética dos teólogos. E se São Bernardo se faz defensor racional da guerra santa, existem igualmente clérigos preconizando sem moderação os procedimentos mais bárbaros.

Na célebre teoria da guerra justa, Santo Tomás formula as condições que podem transformar a atividade guerreira em empresa agradável a Deus. São elas: *1ª, a autoridade do príncipe; 2ª, uma causa justa 3ª, a reta intenção*.<sup>16</sup>

<sup>9</sup> Bouthoul, G. *A Guerra*, SP, Difel, 1964, p.13.

<sup>10</sup> Apud Bouthoul, *op. cit.*, p. 13.

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>12</sup> Idem, p.13-14.

<sup>13</sup> Idem, p.14.

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>15</sup> Aqui, creio eu, no sentido de uma "teologia desenvolvida com o auxílio exclusivo dos meios racionais, sinônimo de Teologia Natural". Larousse, p. 3130.

<sup>16</sup> Bouthoul, *op. cit.*, pp. 14-15.

Afastando-me das posturas orientais e gregas acerca da guerra, por questões principalmente de espaço, vamos rapidamente tocar nas relações de uns poucos pensadores modernos com a guerra.

Começemos com Maquiavel, de quem todos conhecem a fórmula: *toda a guerra é justa, desde que necessária*. Ele defendia principalmente a *guerra preventiva* – idéia que seduziu não poucos nos séculos que lhe seguiram – a qual ele julgava ser a *única realmente razoável*.<sup>17</sup>

Após Maquiavel, até o começo do século passado, *não há mais teorias positivas sobre a guerra, exceto doutrinas de teólogos ou de juristas*.<sup>18</sup>

Kant, num *Projeto de Paz Perpétua*, define (...) certo número de princípios que muito se aproximam dos que presidiram o Pacto de Wilson, da Liga das Nações. Além disso, propõe submeter a decisão da guerra

ou da paz à aprovação de cada cidadão (...). Kant no entanto conclui: *a paz perpétua é impraticável, mas pode ser indefinidamente aproximada*.<sup>19</sup>

Quanto a Hegel, fico com os dois pés bem para trás, a fim de não ser chamado, igualmente com o famoso jornalista e escritor norte-americano William Shirer, de *um dromedário frente a uma catedral gótica*.<sup>20</sup>

É, pois, ainda por meio da pena de Gaston Bouthoul, que prosseguimos: *Geralmente é esse filósofo (Hegel) considerado apologista desavergonhado da violência e da guerra (...). Não é menos verdade que Hegel defende o caráter civilizador da violência (...). Napoleão, que admirava perdidamente antes de sua derrota, era para Hegel, o Espírito universal a cavalo*.<sup>21</sup> Vale ainda lembrar que Hegel achava o Estado a criação suprema do homem, e sabemos muito bem qual era o modelo de Estado para o pensador prussiano...

No que toca a Nietzsche, é notório o quanto são caras as suas idéias aos belicistas. Afinal, ele escreveu diversas exaltações à guerra, tais como: *Devem vocês amar a paz como meio de novas guerras e a paz curta mais do que longa... dizem vocês que a boa causa é que santifica a guerra; digo-lhes: a boa guerra é que santifica qualquer causa...*

No entanto, a ambigüidade da linguagem lírica de Nietzsche é muitas vezes de tal sorte que se pode perguntar se, glorificando a guerra, ele não estava se referindo às lutas morais (...), pois sua obra<sup>22</sup> contém também terríveis ataques ao espírito gregário e solene de certa tradição pangermanista.<sup>23</sup>

Essa reflexão inicial sobre a guerra é importante para que possamos tentar entender o mais plenamente possível o nosso objeto de estudo, a Guerra Fria. Pois, com essa reflexão, é nosso desejo, dentre outras coisas, refutar a clássica afirmação

<sup>17</sup> Idem, p. 22.

<sup>18</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>19</sup> Idem, p. 16.

<sup>20</sup> Foi dessa forma que meu querido colega Leandro Konder se referiu a Shirer (*Ascensão e Queda do III Reich*, 4 v.) frente ao hegelianismo, quando este ousou colocar Hegel como parte do escasso e eclético arsenal teórico do nazismo. Ver *Introdução ao Fascismo*, RJ, Graal, 1977 (existem edições mais recentes).

<sup>21</sup> Bouthoul, *op. cit.*, p.17.

<sup>22</sup> "As obras de Nietzsche tiveram um efeito explosivo sobre uma geração, ele é um daqueles pensadores como J. J. Rousseau, a quem o leitor pode interpretar de várias maneiras, conforme as suas predileções e os seus interesses", JOLL, James. *A Europa desde 1870*, Lisboa, Dom Quixote, 1982, p. 251.

<sup>23</sup> Idem, p. 18.

de Clausewitz – e tão repetida até hoje! – de que a guerra é a continuação da política por outros meios.

Consciente de que a natureza da guerra geralmente não é abordada pelos historiadores militares, e que é impossível negar o desinteresse do acadêmico brasileiro com temas como guerra, militarismo, forças armadas, armamentos – um exemplo disto é a história do Exército Brasileiro, que tem um estrangeiro (brasilianista) como seu maior especialista – desejo chamar a atenção do leitor para pontos que julgamos instigantes, os quais passarão a ser enfocados.

## MARX, ENGELS E O MARXISMO

É o Professor V. G. Kiernan, da Universidade de Edimburgo, autor do longo e útil verbete *Guerra*, no *Dicionário do Pensamento Marxista*, editado por Tom Bottomore<sup>24</sup>, quem nos fala agora: *Marx e Engels cresceram no período imediatamente posterior aos 25 anos*

*de guerras revolucionárias e napoleônicas, que correspondeu a um longo intervalo de paz na Europa, entre 1815 e 1854, e bem pode ter contribuído para levá-los a não considerar a guerra como a mais importante das atividades humanas. Eram, além disso, jovens progressistas de origem burguesa, que cresciam sob um regime político bem pouco simpático, a monarquia militar prussiana.*<sup>25</sup>

Pouco espaço havia para guerras nas mentes dos dois ao longo dos anos 40, quando estavam às voltas com os modos de produção econômicos. Em a *Ideologia Alemã* (1845-46), admitiram a frequência do conflito armado, mas reduziram-lhe a significação dizendo que os conquistadores tinham de adaptar-se ao sistema produtivo que encontravam...

*Em 1848, porém, Marx, Engels e seus amigos da Liga Comunista defenderam uma guerra revolucionária contra a Rússia (...). Desde então, e até o fim de suas vidas, as questões relativas à guerra se impuseram à sua atenção, e, com relação a tais*

*questões, desenvolveram interesses divergentes, mas complementares: Marx no sentido de questões mais teóricas, Engels ocupando-se dos métodos e da evolução técnica da guerra.*<sup>26</sup>

Mais adiante, continua Kiernan: *sobre as relações entre economia e a guerra em épocas modernas, Marx e Engels expressaram vários pontos de vista, nunca reunidos de maneira regular.*

*Em um artigo escrito em maio de 1853, Marx afirmou que nada, a não ser uma crise econômica, poderia provocar a guerra de que se falava, e que poderia provocá-la mais por motivos políticos do que por motivos rigorosamente econômicos. (New York Daily Tribune, 14-6-1853).*

Veio a guerra, a Guerra da Criméia (1854-56), atentamente observada pelos dois ilustres amigos.

Marx e Engels decepcionaram-se (...) ao verem que a luta na Criméia era empreendida com muito menos disposição do que lhes parecia necessária. Engels deplorou a incompetência dos comandantes, a decadência da arte da guerra: Marx receava que a guerra pudesse definhar sozinha e sacudiu a cabeça ante a *raça domesticada dos homens do presente.*<sup>27</sup>

<sup>24</sup> Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988 (1ª ed. inglesa de 1983).

<sup>25</sup> Idem, p. 169.

<sup>26</sup> Idem, ibidem.

<sup>27</sup> Idem, p. 170.

É ainda Kiernan quem escreve, mais adiante: *Marx compreendeu que os exércitos poderiam exercer certa atração popular (...), mas, a partir de 1848, ele e Engels passaram a lutar pela abolição dos exércitos regulares e sua substituição, não por milícias burguesas do tipo da Guarda Nacional, na França, mas por um povo armado, mais democrático.*<sup>28</sup>

*Em seus últimos anos, (Marx) preocupava-se, cada vez mais, com o perigo da guerra. Não era possível pensar-se agora numa guerra revolucionária, ela não era necessária, pois os partidos socialistas cresciam e pareciam capazes de tomar o poder dentro de pouco tempo por si mesmos. E um conflito travado com as terríveis armas novas representaria um retrocesso terrível para o socialismo e para a civilização.*<sup>29</sup>

De volta à pena de Bouthoul, vamos ver como um autor não-marxista, mas íntimo do nosso tema, sintetiza Marx e os marxistas frente à guerra:

*... em primeiro lugar, se nos depara a idéia funda-*

*mental que baseou a pregação de Gracchus Babeuf (1760-1797): sempre houve apenas uma guerra eterna: a dos pobres contra os ricos.*

*Uma segunda posição do marxismo a propósito das guerras é a adoção da tese maquiavélica da guerra diversão combinada com a noção (...) de mistificação. As classes dirigentes desviam o povo da luta de classes, sugerindo-lhes paixões nacionais ou religiosas.*

*A essas tendências acrescenta-se uma explicação das causas de guerra, clássica nas doutrinas socialistas, a saber que os conflitos armados têm sua origem nos antagonismos econômicos. Ponto de vista dos mais importantes, pois sublinha e põe em evidência um dos aspectos principais e inseparáveis dos conflitos armados. (Cf. Engels, *Anti-Dühring*, caps. 2, 3, e 4).*<sup>30</sup>

Podemos terminar este tópico por intermediário de V. G. Kiernan: *Pouco depois de 1918, os comunistas advertiram quanto ao perigo de outra guerra mundial (lembro que eles não foram,*

*nem de longe, os únicos a fazer isso). Desde a experiência de 1941-45, com suas perdas incalculáveis para a Rússia, os marxistas - com exceção dos chineses - deram grande ênfase à prevenção da guerra como a mais premente necessidade da humanidade. Numa declaração formal em 1961, na realidade uma rejeição ao aventureirismo maoísta<sup>31</sup> e da sua tese da inevitabilidade da guerra, os outros partidos comunistas afirmaram - e nisso não estavam sendo muito exatos - que o marxismo nunca havia considerado a guerra como o caminho para a revolução. Enquanto isso, o estudo histórico da guerra e da sociedade progredia ativamente, embora muita coisa ainda precise ser melhor discutida.*<sup>32</sup>

## MAS, AFINAL, POR QUE EXISTEM GUERRAS?

Ou o leitor acha que as guerras estão acabando, algo parecido com as sandices escritas por aquele japonês

<sup>28</sup> Idem, p. 171.

<sup>29</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>30</sup> Bouthoul, *op. cit.*, p. 27

<sup>31</sup> Hobsbawm nos conta que Mao - com cogumelos nucleares na cabeça - disse a um estupefato P. Togliatti: "Quem disse que a Itália deve sobreviver? Restarão 3 milhões de chineses e isso será o bastante para a raça humana continuar..." *op. cit.*, p. 227.

<sup>32</sup> Kiernan, *op. cit.*, p. 172.

que supunha que a história tivesse terminado com o fim do chamado Bloco Socialista? Perguntem a um grana-dense que tenha presenciado a invasão ianque, há poucos anos atrás. Foram vistas, eu incluso, na televisão (num documentário francês), numa filmagem rara para o grande público do Brasil, cenas estarrecedoras... há nisso também a questão do *state of the art* dos produtos bélicos (mísseis que dobram esquinas, aviões invisíveis, etc.), e isso não é só em relação aos artefatos fabricados nos EUA. Franceses, ingleses, alemães, italianos, russos, suecos... todos também planejam e desenvolvem armas sofisticadíssimas, enquanto que a distância social dos países ricos só tende a aumentar ainda mais em relação a nós, dos países pobres. Mas, por outro lado, guerras mundiais, ao que tudo indica, não teremos mais. Há sim, cada vez mais, infelizmente, a possibilidade de um atentado terrorista com arma nuclear.<sup>33</sup>

Quanto à pergunta, *afinal, por que existem guerras,*

muitos dirão: *porque a guerra é a continuação da política por outros meios* - daí acrescente-se uma receita grega bastante antiga, mas ainda válida<sup>34</sup> e *voilà* eis um dogma... e logo envolvendo Clausewitz que, parece, era antidogmático... Bem, antes de refutar as suas idéias, tão erradas e tão repetidas, vamos travar contato com algumas observações que dizem respeito à nossa essência, conscientes de antemão que diversas questões estão e ainda ficarão muito tempo (?) sem resposta.

Começemos por algumas posturas pessimistas: arqueólogo e antropólogo, Raymond Dart, após anos de escavações no sul da África (e dezenas de ensaios científicos), resumiu o que pensava sobre as origens da humanidade no livro *The Predatory Transition From Ape to Man* (1953), que diz: *Os anais sujos de sangue e saturados de carnificinas da história humana, desde os primeiros registros egípcios e sumerianos até as mais recentes atrocidades da II Guerra Mundial, estão de*

*acordo com o canibalismo primitivo universal, com as práticas de sacrifícios humanos e de animais ou seus substitutos, as religiões formalizadas, os costumes universais de escalar, caçar cabeças, praticar mutilações físicas e a necrofilia proclamam a diferenciadora lascívia sanguinária, esse hábito predatório, essa marca de Caim que separa os homens dieteticamente de seus parentes antropóides e o associa aos carnívoros mais implacáveis.*<sup>35</sup>

Um epígono de Dart, que obteve sucesso com seus livros, Robert Ardrey, dizia que *o homem é um animal predador cujo instinto é matar com uma arma (...), nós desfrutamos da violência nos esportes e em nossas diversões; é um resíduo de nosso passado como caçadores.*<sup>36</sup>

Ardrey não foi a única voz - adverte-nos o famoso arqueólogo (hoje político) Richard Leakey - *a proclamar publicamente a marca de Caim, e muitos psicólogos e biólogos esposam essa noção, notavelmente o ganhador do*

<sup>33</sup> Ver o instigante artigo de Richard K. Betts "The New Threat of Mass Destruction" in *Foreign Affairs*, v77, n1, jan/fev 1998, p.26-41.

<sup>34</sup> Realmente não me recordo se foi Aristóteles na *Política* ou Platão na *República* quem disse ser o homem um animal político; de uma forma ou outra, creio que os dois disseram...

<sup>35</sup> Apud. Richard Leakey *A Evolução da Humanidade* SP/Brasília, Melhoramentos/UNB, 1981, p. 221 (original inglês do mesmo ano).

<sup>36</sup> Idem, p.222.

prêmio Nobel, Konrad Lorenz, em seu livro *A Agressão*. Cineastas e escritores de ficção difundiram ainda mais a idéia entre o público com trabalhos como *West Side Story*, 2001: *Space Odyssey* (...). Foi um tema popular e muito bem recebido: os humanos são inatamente inumanos, e isso explica em grande parte a miséria, o sofrimento e os atos de guerra no mundo.<sup>37</sup>

A longa citação reproduzida a seguir é de autoria de um historiador inglês, assaz caro à nossa temática – John Keegan. Ele lança diversas idéias instigantes sobre o que estamos pensando e, por isso, peço a maior concentração do leitor.

*Por que os homens lutam? Os homens guerreavam na Idade da Pedra, ou o homem primitivo não era agressivo? Homens – e mulheres também – lutam, com tinta e papel, ferozmente em relação a essas questões. Não se trata de historiadores militares, que raramente se preocupam com as origens das atividades que relatam, mas de cientistas sociais e comportamentais. Os historiadores militares talvez fossem melhores historia-*

*dores se se dedicassem a refletir sobre o que faz um homem matar o outro. Os cientistas da sociedade e do comportamento não têm outra escolha senão refletir sobre isso. O homem e a sociedade são seus objetos e, contudo, a maioria dos seres humanos durante a maior parte do tempo coopera para o bem comum. A cooperação deve ser tomada como norma, e a causa disso exige alguma explicação, embora não muito profunda, pois a observação comum estabelece que a cooperação é do interesse comum. Portanto, se não houvesse algum afastamento do princípio cooperativo, os cientistas sociais e comportamentais teriam pouco a fazer. Eles iriam explicar o previsível, uma tarefa pouco compensadora. É a imprevisibilidade do comportamento humano, sobretudo a do comportamento violento, em indivíduos e em grupos, que desafia a fornecer explicações. O indivíduo violento é a principal ameaça à norma de cooperação dentro de grupo violento, a causa principal da ruptura da sociedade.*

*Os estudos sobre comportamento individual e grupal tomam direções*

*diferentes, mas compartilham um terreno comum, ao qual o debate acaba retornando: o homem é violento por natureza ou sua potencialidade para a violência – sobre a qual não pode haver discussão, quando mais não seja porque o homem pode chutar e morder – é traduzida em uso pela ação de fatores materiais? Os que sustentam essa última posição, classificados vagamente como materialistas, acreditam que suas percepções destroem a posição naturalista. Os naturalistas unem-se para se oporem aos materialistas, mas estão divididos agudamente entre eles mesmos. Há uma minoria cujos membros insistem em que o homem é naturalmente violento; (...) a maioria rejeita essa caracterização. Eles consideram o comportamento violento seja como atividade aberrante em indivíduos defeituosos, seja como reação a tipos particulares de provocação ou estímulo, inferindo-se daí que, se esses gatilhos da violência forem identificados e mitigados ou eliminados, a violência poderá ser banida das relações humanas. O debate entre as duas escolas naturalistas tem provocado paixões fortes.*

<sup>37</sup> Idem, *ibidem*.

*Em maio de 1986, em um encontro na Universidade de Sevilha, a maioria dos presentes assinou uma declaração, baseada na Declaração sobre Raça da UNESCO, condenado a crença na natureza violenta do homem em termos absolutos. A Declaração de Sevilha contém cinco artigos, cada um deles começando com "é cientificamente incorreto...". O conjunto de artigos equivale a uma condenação de todas as caracterizações do homem como naturalmente violento. Sucessivamente, eles negam que herdamos uma tendência a fazer a guerra de nossos ancestrais animais, ou que a guerra ou qualquer outro comportamento violento está geneticamente programado em nossa natureza humana (e muito mais) ...*

*A declaração de Sevilha ganhou apoio de peso. Foi, por exemplo, adotada pela Associação Antropológica Americana. No entanto, ela não ajuda o leigo que está ciente de que a guerra tem origens antigas, sabe que os povos sobreviventes da Idade da Pedra, como os montanheses da Nova Guiné, são*

*indiscutivelmente belicosos, têm consciência de impulsos dentro de si mesmo, mas não têm conhecimentos específicos de genética ou neurologia necessários para tomar posição. Contudo, o debate entre as duas facções naturalistas é importante - na verdade, fundamental - tal como também o é aquele entre naturalistas e materialistas. Numa época esparançosa da história da humanidade, uma época de desarmamento efetivo e da adoção do humanitarismo como princípio nos assuntos mundiais, o leigo busca naturalmente a reafirmação de que os redatores da Declaração de Sevilha estão corretos. O sucesso obtido pela humanidade ao longo dos dois últimos séculos, na alteração para melhor das circunstâncias materiais da vida estimularia, então, o apoio à explicação materialista da violência humana organizada, na antecipação de que uma continuação dos esforços que derrotaram a doença, a escassez, a ignorância e as durezas do trabalho manual possa eliminar também a guerra. A sua história, a partir da Idade da*

*Pedra, tornar-se-ia, então assunto de antiquários, tão relevante para a vida cotidiana quanto as grandes navegações ou a ciência newtoniana. Se, por outro lado, os autores da Declaração de Sevilha estão errados, se sua condenação de explicação naturalista da violência humana é mera expressão de otimismo, então a explicação materialista também está errada e nossas expectativas de fim de século de que deixe de haver guerra não fazem sentido.<sup>38</sup>*

E Clausewitz, onde fica ele? Para muitos, no mundo todo, ele é, ainda hoje, o "papa" no assunto. No entanto, dele não se pode nem dizer que está superado, posto que desde o início, a sua premissa básica - a guerra é a continuação... - está errada. A guerra é uma atividade cultural que surgiu milênios antes da política. Outras refutações são óbvias, mormente após as armas nucleares. Leituras boas sobre esse tema são os livros de John Keegan (já citado) e os de Raymond Aron, notadamente, o *Pensar a Guerra*, Clausewitz, Brasília, UNB, 1986 (original francês de 1976). ☺

<sup>38</sup> John Keegan, *Uma História da Guerra*, SP, Companhia das Letras, 1995 (or.1993), p. 95-97.